Norte com mais concelhos vulneráveis a catástrofes

Por Catarina Gomes
Público, 1 de Outubro de 2009

Um em cada quatro portugueses armazena comida em casa para alguns dias, revelam resultados preliminares de inquérito

A Região Norte, sobretudo o distrito do Porto, acumula o maior número de concelhos com risco de "vulnerabilidade social" muito alto em caso de catástrofe. Ou seja, em eventos extremos como cheias, terramotos ou quedas de aviões, estes serão os locais do país com menor capacidade de resposta e onde poderão ocorrer impactos mais negativos. As conclusões constam de um estudo nacional feito pelo Observatório do Risco, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, agora apresentado.

Juntamente com grande parte dos concelhos do distrito do Porto (a cidade não está incluída), o nível mais elevado de vulnerabilidade a acontecimentos extremos é também atingido, por exemplo, em alguns concelhos do distrito de Vila Real, Bragança e na parte norte do distrito de Viseu. Na região de Lisboa, a Amadora e o Barreiro estão na mesma situação, assim como alguns concelhos do interior alentejano e um no Algarve.

Os resultados, apresentados ontem no 1.º Congresso Nacional de Emergência Médica, tiveram em linha de conta dois tipos de factores: por um lado, condições dos habitantes que os tornem vulneráveis a catástrofes; por outro, a existência de infra-estruturas que revelem a capacidade de resposta ao nível municipal, explica o coordenador do estudo, o sociólogo José Manuel Mendes.

Os concelhos com maior número de idosos acima dos 65 anos, mas também de deficientes e crianças até aos cinco anos, são por definição os mais vulneráveis em termos demográficos, sublinha. Isto porque em situação de emergência são grupos com menor mobilidade - os idosos vivem sozinhos e acumulam maiores níveis de iliteracia em Portugal e as crianças não entendem mensagens de socorro, explica o coordenador do estudo.

A condição económica dos habitantes também é importante porque determina, por exemplo, a capacidade de ter veículo próprio ou recursos financeiros para reagir a um cenário pós-crise (reconstrução de uma casa, por exemplo). Por isso, também se teve em conta o grau de pobreza de cada concelho, nomeadamente a percentagem de pessoas que recebem o Rendimento Social de Inserção.

Pobres mais atingidos

É um cenário comum em todas as catástrofes: os pobres são os mais atingidos, nota o investigador, como se constatou no caso do furacão *Katrina*, em Nova Orleães, EUA. Enquanto nos bairros mais ricos o alarme foi dado porta a porta, nos locais mais pobres, que coincidiam com população afro-americana, o alarme chegou pelos meios tradicionais da rádio e televisão e muitos não tiveram meios para fugir.

As condições das habitações, tendo em conta os anos de construção mas também a existência de recolha selectiva de lixo (porque indica capacidade organizativa do concelho) ou a drenagem das águas fluviais, foram outros indicadores usados.

No lado das estruturas de suporte foram tidos em conta o número de corporações de bombeiros por dez mil habitantes, farmácias ou centros de distribuição de hipermercados. Ao todo, cerca de 200 variáveis entraram na avaliação, com dados do Instituto Nacional de Estatística, protecção civil, forças de segurança, EDP, EPAL, municípios, entre outras entidades.

José Manuel Mendes explica que está também a decorrer um inquérito nacional que avalia as estratégias de autoprotecção das próprias pessoas: por exemplo, se guardam comida e água em casa para situações de emergência. Resultados preliminares, depois de inquirida cerca de metade da amostra de 1200 pessoas, revelam que 25 por cento dos portugueses armazenam víveres para cerca de dois a três dias. Mas as razões, explica o sociólogo, não são devidas a "uma cultura de segurança", são sim "resquícios de uma sociedade rural em que as pessoas têm memória da fome".

Pontos de encontro

O Observatório do Risco fez ainda um estudo parcial onde inquiriu a população do distrito de Coimbra e constatou que 15 a 20 por cento tem combinado um ponto de encontro com a família, em caso de catástrofe. No seu caso, José Manuel Mendes diz que escolheu com a sua família uma rotunda de Coimbra onde se encontrarão em caso de emergência, explicou ao auditório do Centro de Congressos do Estoril. A rotina do ponto de encontro é aprendida pelos mais novos nas escolas, quando se fazem simulacros em caso de urgência, e estes estão a trazer para casa hábitos que transmitem aos pais.

A investigação, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, pretendeu ir um pouco mais além e em sete concelhos do distrito de Coimbra estão a trabalhar com as câmaras para tentar corrigir as fragilidades detectadas. "São livres de usar estes recursos